

A cidade entra no clima. Sem incidentes.

Um pouco de tudo na zona Leste. Só faltou animação na rua.

Teve artista, panfleto, bandeira, distribuição de adesivo, crime eleitoral, pinga no coco, tudo misturado com venda de caldo de cana, sorvete de gelinho, pipoca doce, manga e melancia. Só faltou animação nas ruas. Na zona Leste, não era difícil encontrar rostos entediados por um feriado que poderia ser melhor aproveitado.

"São as eleições mais mortas que já vi", disse o professor Robson da Silva. "E, com o tempo, a tendência é o processo eleitoral se tornar mais tranquilo. Até porque isso é fruto da democracia. Cada vez mais a gente vai aprender a respeitar o candidato do outro", completou Ademir Osti Barbosa, que trabalhava ao lado de Robson.

Nem a Escola Estadual Condessa Filomena Matarazzo, em Ermelino Matarazzo, apresentou um terço da empolgação do ano passado, quando a candidata Luiza Erundina apareceu para votar, acompanhada do vereador Eduardo Suplicy.

Igual ao ano passado só mesmo o caso de Anadilson Rodrigues do Nascimento, que saiu de casa às 9h30 e às 15 horas ainda não tinha conseguido votar. Ele perdeu o título e o TRE "perdeu" seu nome — igual ao ano passado, quando só conseguiu votar no final do horário, com o nome de Ana.

Enquanto Anadilson corria atrás do seu direito de voto, o Comitê do PT em São Miguel era ameaçado de fechamento pela Polícia, por causa do trabalho de boca-de-urna em frente à Escola Estadual Ti-de Setúbal. Menos felizes, os boqueiros do candidato Afif Domingos que trabalhavam no Colégio Palmarino Calabrês, em Guaianazes, acabaram presos no 44º Distrito Policial.

Azar de uns, sorte de outros. O cantor Christian, da dupla Christian e Ralph, driblou soldados, fiscais de partidos e do TRE e fez campanha dentro das seções eleitorais da Escola Estadual D. Pedro I, em São Miguel, com distribuição de santinho de Mário Covas e tudo. E sem o menor problema.

Para quem gosta de artista, valeu a presença de Christian. Mas para quem prefere a cor do dinheiro, a zona Leste deixou a desejar. Na Escola Municipal Pedro de Frontim, também em São Miguel, o sorveteiro Antonio Vieira reclamava das poucas vendas, apesar do dia ensolarado. E o comerciante Luiz Rieddo, que levou máquina de plastificação para a frente da escola e, depois de cinco horas de trabalho, só havia faturado NCz\$ 50,00.

Um pouco mais feliz, o fruteiro Sebastião da Silva vendeu muito coco verde para os eleitores. Mas ele tinha um truque: jogava fora a água da fruta e substitua por pinga, para quem quisesse driblar a lei seca.

Tempo de paz na praça da Sé

Dona Isabel e o marido José Ferreira votaram na Vila Carrão e foram direto para a praça da Sé ver a "agitação política". Mas não havia agitação. A não ser pela presença de duas militantes do PT e pelo palanque que deverá ser mantido de pé pela prefeitura até o dia 17 de dezembro, nada lembrava as grandes manifestações dos últimos dias. "Nem parece dia de eleição", queixou-se dona Isabel, de 66 anos, que, como o marido, de 67, votou em Mário Covas. Havia, sim, um certo movimento, mas de gente que aproveitou o dia de sol para passar pelo centro. Os boqueiros preferiram atuar em outros locais com mais eleitores, como a avenida Brigadeiro Luis Antônio, onde funcionaram muitas seções da zona eleitoral 001.

"Se depender da militância do PT, vamos vender muitas pastilhas para a garganta", brincou o farmacêutico Hélio Yoshimoto, da Drogaverde, divertindo-se especialmente com a disputa entre tucanos e militantes-mirins de Lula pelos votos dos indecisos. Ele, pelo menos, não tinha motivos para queixa, pois ali, na Bela Vista, o movimento era bom. Foi esse movimento que tirou Olga Gomes Rebello, 81 anos, de casa. "Sai para ver as pessoas e ouvir as opiniões", comentou Olga, que não quis votar. "Como tenho mais de 70 anos, o voto não é obrigatório. E, já que não tenho mais esperanças, votar para quê", perguntou.

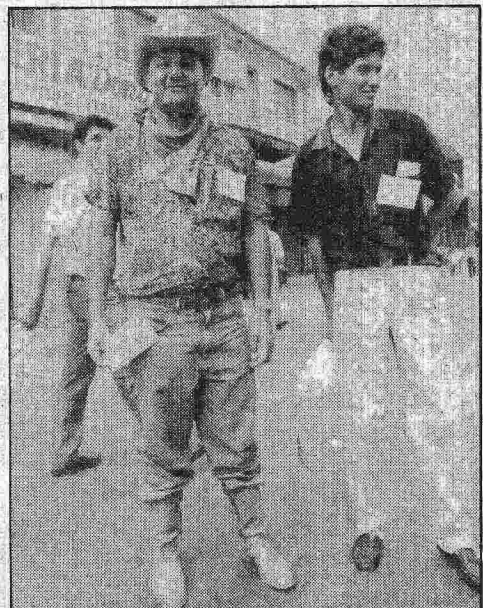
Já Helena Brito, de 26 anos, não via a hora de votar. "Nem dormi pensando nisso", disse ela, que aproveitou o resto do dia para levar as três filhas ao Jardim Zoológico. Francisco Andrade, de 15 anos, preferiu aproveitar a tranquilidade das ruas para andar de bicicleta e skate com os amigos. "Só assim dá para brincar tranquilo, sem ter medo de ser atropelado". Perigo de atropelamento, mesmo, havia perto das portas das seções eleitorais, que atraíram muita gente entusiasmada com a perspectiva de ganhar algum dinheiro a mais. Na avenida Liberdade, em frente ao



A família veio de Cotia, a cavalo, para homenagear Mário Covas.



José e Isabel, na São Miguel, cobriram a boca-de-urna.



Valdemar, do PDT, na zona Oeste: a caráter.



Aprígio: "Collor tem energia e coragem".



Um dia sem muita animação, nas ruas da zona Leste.



Zona Norte: eleição calma, voto sem demora.

prédio das Faculdades Metropolitanas Unidas e da Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado, por exemplo, encontrava-se de tudo — barracas de pastéis, caldo de cana, carrinhos de cachorro-quente, vendedores de sorvetes, de água, bancas de frutas...

"Não vamos collorir, vamos é colar", gritava Rogério Forteloni, 27 anos, chamando fregueses para sua barraca de plastificação de documentos. "Em uma hora já plastificamos cem títulos de eleitor", comentou, já fazendo planos para as próximas eleições. Seu único problema era a concorrência: a menos de cinco metros de distância, uma outra barraca também fazia plastificação de títulos por um cruzado novo a menos que Rogério, que cobrou NCz\$ 4,00 cada.

De prancheta, papel e caneta em punho, o comerciante Antônio Carlos Nunes, santista de 47 anos, fazia uma pesquisa particular. "Pelo que vi, em São Paulo dá Covas ou Lula", arriscou. Se der Covas, melhor para Marisa Porfírio, de 28 anos, que colocava adesivos desse candidato nas frutas que vendia: "É só uma propagandazinha, pois tenho vergonha de pedir o voto diretamente".

Surpresa na zona Oeste: um dia tranquilo e sem incidentes.

Na zona Oeste de São Paulo, a votação transcorreu tranquilamente, sem incidentes entre o pessoal de boca-de-urna que, desde as 8 horas, distribuía panfletos dos candidatos. Uma tranquilidade que surpreendeu os orientadores convocados a auxiliar a população nessas eleições. "Pensamos que ia ter muita briga e bagunça, mas o pessoal está se comportando muito bem", diziam.

Na região, a boca-de-urna ficou dividida principalmente entre Lula, Mário Covas e Collor. As grandes ausências foram Maluf e Ulysses. Na Lapa, próximo ao Colégio Campos Sales, os irmãos Alex (8 anos) e Aristóteles Guimarães (15), tucanos, disputavam os apressados eleitores com militantes petistas e do PCB de Roberto Freire. Tudo na maior paz:

— Recebemos orientação de não entrar em conflito com quem quer que seja de outros partidos — dizia o petista Celso Lima. "Sabemos que a grande maioria que trabalha para o Collor é para o Afif está sendo paga, enquanto nós fazemos isso por ideologia."

Em Carapicuíba, a proximidade das duas maiores zonas eleitorais provocou uma certa confusão: a Escola Estadual Toufik Jouliano e a Escola Engenheiro Mario Salles Souza ficam na mesma rua e os eleitores formavam filas de até 40 pessoas nas calçadas, chegando às vezes a se misturar com as de outra zona. Quem se aproveitou disso foram os militantes da Frente Brasil Popular que, ao lado do pessoal do PSDB, do PTB e do PRN, aproveitavam para distribuir material. Valdemar Ledo Silva, delegado fiscal do PDT, trajou-se de acordo com a ocasião e com seu candidato: chapéu de couro, lenço vermelho, botas, um típico gaúcho. "Trabalhamos a noite inteira, fazendo cartazes e organizando material", dizia. "Agora, vamos ficar de olho nas apurações."

Danilo Seragioli, eletrotécnico, levou a filha Daniela, de 7 anos, "para aprender a votar". Ele acredita que o ato de votar, ontem, foi muito importante e declarou ter feito isso de maneira consciente. Dizia que em sua casa imperava a democracia e que sua esposa não tinha escolhido o candidato. A filha, se pudesse, votaria em Lula. Ele mesmo votou em Freire. "O que me preocupa é que essa eleição não ocorre em termos de partido, de melhor proposta de governo, e sim na figura do candidato", comentou.

Na Vila Madalena, petistas e covistas dividiam espaço com um ou outro peemedebista e uma pequena comitiva do Partido Verde. Na esquina das ruas Wisard e Morás, militantes do PV distribuía material tranquilamente. E na frente do Colégio Objetivo, na Teodoro Sampaio, Eduardo Saraiva, cabeleireiro, declarava-se desanimado com a política: "Não votei em ninguém, acho que os candidatos não mudam o Brasil em cinco anos". Já Marcus Godoy de Almeida esperava que seu candidato, Collor, chegasse à Presidência: "Ponho a maior fé nele. Que Deus esteja com ele".

A eleição na zona Norte, em plena calma.

O clima era de total calma, ontem, na zona Norte da cidade. Os moradores de Santana, Tucuruvi, Tremembé, Imirim, Alto do Mandaquí, entre outros bairros da região, não tiveram de enfrentar a agitação das eleições passadas ou as brigas pela disputa de mais um voto na boca-de-urna. Sem filas, o eleitor pôde, depois de 29 anos, votar sem demora. E mesmo os militantes — em número muito pequeno se comparado com outras eleições — estavam respeitando o limite de cem metros de distância das zonas eleitorais.

"A única confusão que está acontecendo aqui, é que Santana tem muitas escolas próximas e o eleitor se atrapalha um pouco", contou Romilda Pereira de Lima Freitas, que estava ajudando na orientação dos eleitores na Escola Estadual de 1º e 2º Grau "Dr. Octávio Mendes", na rua Voluntários da Pátria. E este era o caso de Maria Firmícia da Silva, que já tinha percorrido várias escolas do bairro e não tinha encontrado a seção onde deveria votar: "Nunca tive esse problema em outras eleições", garantiu. Lucimar Cândida de Lima, de 17 anos, disse estar emocionada em votar pela primeira vez, "principalmente para presidente da República".

Corpo a corpo

A tradicional boca-de-urna estava fraca na zona Norte. Os militantes eram muito poucos e não tinham aquele tom de disputa característico. "Acho que já distribuí uns 20 quilos de santinho, mas só entreguei na mão do eleitor e não fico tentando convencer a pessoa", disse Aldemir Souza Silva, de 17 anos. Ele recebeu NCz\$ 50,00 para fazer a boca-de-urna para o candidato do PRN, Fernando Collor. Aldemir garantiu que se fosse votar — ele preferiu não tirar o título de eleitor esse ano — o seu candidato seria mesmo Collor.

Mais experiente, Antônio Malaquias contou que além de distribuir os panfletos de Mário Covas, do PSDB, ainda aproveitava a ocasião para convencer o eleitor a votar em seu candidato. "Já consegui convencer umas 500 pessoas a votar no Covas,

Conto para o eleitor um pouco do trabalho de Covas como político; e falo que ele é o melhor candidato", afirmou Malaquias, um funcionário aposentado, que garantiu estar trabalhando de graça para o candidato tucano.

Já a professora Elza Ferreira Antão, militante do PT, estava usando uma tática diferente para fazer o corpo a corpo com o eleitor. "Primeiro pergunto se a pessoa já tem candidato. Se responder que sim, não falo mais nada e deixo seguir. Não entrego nem mesmo o panfleto do Lula. Nós temos pouco material para a campanha de boca-de-urna e não dá para ficar desperdiçando."

Mas quem exercitou mesmo o corpo a corpo não foram os militantes políticos, mas algumas pessoas que estavam "ajudando" no preenchimento da justificativa do não comparecimento às urnas. Mobilizados às dezenas, esses ajudantes estavam desde as 5 horas da manhã nas portas das Agências dos Correios e cobravam pelo serviço entre NCz\$ 10,00 e NCz\$ 5,00. "Já ajudei 180 pessoas a justificarem o voto e não cobrei nada", protestou um deles.

Outra forma de associar a eleição com algum dinheiro a mais no bolso, foi o que Patrícia Rodrigues dos Santos arranhou para fazer na porta da Escola Municipal Professor Derville Allegretti, em Santana. Por NCz\$ 3,00 Patrícia plastificava o Título de Eleitor na hora: "O movimento está ótimo".

Na zona Sul, votos para todos. E gente até faturando algum.

"Eu votei no Collor, porque é moço, valente e tem a mesma energia que eu". Assim Aprígio Serra Júnior, de 89 anos, um senhor bem vestido, trajando um impecável terno azul-marinho e usando chapéu, justificou sua opção, ao acabar de votar no Clube Paulistano. "Eu votei no Lula, porque a Erundina deu a maior força para os marreteiros; então eu acho que ele também pode ajudar o Brasil." Esta é a justificativa de Roberto Gonçalves Filho, migrante de Igatu, Ceará, e que votou bem cedo para poder aproveitar o meio-feriado e vender óculos escuros no largo 13 de Maio.

Estes são dois perfis bem diferentes de eleitores que votaram na zona Sul, uma região que tem mais de dois milhões de eleitores, compreendendo diferentes classes sociais e interesses. Independente de suas convicções políticas, a zona Sul, no primeiro turno da sucessão presidencial, dividiu seu voto entre Covas, Afif, Lula e Collor.

Na região dos Jardins, a briga dos boqueiros, que trabalharam muito discretamente, era entre Mário Covas e Afif. Jean, Denise, Mauricio, Camila e Jean Jr., uma família de Cotia, veio a cavalo, para prestar sua homenagem ao candidato Covas. e escolheram a porta da casa da mãe de Afif, que fica em frente ao Clube Paulistano, para desfilar. Bem-humorados, agitavam a bandeira dos tucanos e conseguiram quebrar a rotina dos associados que chegavam ao clube.

Enquanto isso, no largo 13 de Maio, em Santo Amaro, palco de tantos confrontos políticos, acontecidos até bem pouco tempo atrás, o dia não parecia de eleição. Não se falava de nenhum candidato e não havia cabos eleitorais distribuindo propaganda; só o comércio dos marreteiros funcionava a todo vapor. O dia quente era convite para um pedaço de melancia ou uma água de coco. O vendedor de melancia não dava conta dos fregueses. Na rodinha, enquanto saboreavam um belo pedaço da fruta, alguns informavam, só quando perguntados, que já haviam votado sendo os mais citados Lula e Collor. Ninguém usava qualquer propaganda de candidato. Reclamavam que nesta eleição tinham recebido apenas "papel e adesivos, que não serviam para nada".

Para desespero de muito candidato, o melhor negócio do dia no largo 13 de Maio era o preenchimento de "justificações de votação". Foram entregues mais de 34 mil formulários, isto em uma única agência, a de Santo Amaro, que montou um esquema especial de atendimento em três perua Kombis para evitar tumultos. Mesmo assim, quem já conhecia a região conseguiu ganhar um bom dinheiro. O preço do "serviço" (venda e preenchimento do formulário) variava entre NCz\$ 5,00 e NCz\$ 10,00.

Participaram da cobertura das eleições em São Paulo os repórteres Silvia Lenzi, Márcia Di Fonzo, Tânia Regina Pinto, Maurício Cintrão, João Sampaio, Kazumi Kusano, Bell Ascenso, Andréa Dantas, Vera Cecília Dantas, Vicente Diamezi, Jorge Massarolo, Marilza Vicente Villardaga, Luís Chagas, Marloni J. da Silva, Manuela Rios, Cosme Rímoli, Percival de Souza, Fábio Pahim, Lígia Kosim, Edgar Olympio, Edmar Pereira, Valdir Sanches, Marcos Faerman, Castilho de Andrade, Irene Solano Viana, Fausto Macedo, Denise Mirás, Sérgio Baklanos, Celso Fonseca, Alessandro Giannini, Roberto Pereira de Souza, Marcello Bartholomei, Vera Freire, Jane Soares, Horácio Marana, Denise Campos Toledo, Sílvia Nascimento e Marcus Vinícius Gasques.